

Narrativas benjaminianas: a crônica e as crianças na era do rádio

Jeana Laura da Cunha Santos

Como citar este texto: SANTOS, Jeana Laura da Cunha. Narrativas benjaminianas: a crônica e as crianças na era do rádio. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 09, n. 01, pp. 29-43, jan./jun. 2018.

Narrativas benjaminianas: a crônica e as crianças na era do rádio

Jeana Laura da Cunha Santos¹

Recebido em: 21 de maio de 2017.
Aprovado em: 16 de julho de 2018.

Resumo

No final dos anos 1920, Walter Benjamin (1892-1940) foi convidado por uma rádio alemã para fazer palestras radiofônicas voltadas às crianças. Das 86 “peças radiofônicas”, 60 ele mesmo se encarregaria da leitura e da apresentação. O rádio recém havia surgido na Alemanha e o filósofo fora precursor no uso dessa mídia voltada à educação infantil abordando assuntos complexos sem apelar para o excesso de didatismo. Para tanto, usava o tom coloquial, em primeira pessoa, numa linguagem que se aproxima, no entendimento da autora, do gênero crônica. Este artigo pretende investigar os recursos de linguagem usados por Benjamin para demonstrar como tal fala miniaturizada aproxima-se do gênero também “menor” da crônica. Essa que, pelo tom de “conversa fiada” que estabelece com o ouvinte, caberia tão perfeitamente no rádio. Uma literatura para se ouvir. E também para ensinar.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Crônica; Rádio.



¹ Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e Doutora em Literatura e Pós-Doutora em Antropologia Social também pela UFSC. jeanasantos@terra.com.br

Entre o narrador e o comunicador das massas

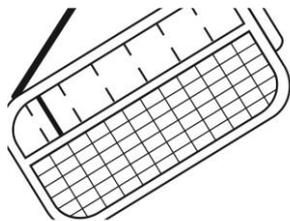
Em texto publicado em 1936, intitulado “O narrador”, o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) argumenta que o primeiro sintoma da morte da narrativa fora o surgimento do romance, que só teria sido possível com a invenção da imprensa. Conforme ele, enquanto o narrador incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes, o romancista segregar-se-ia, não recebendo e não dando mais conselhos.

Já o segundo golpe na tradição oral da narrativa, segundo o autor, teria sido desfechado por uma nova forma de comunicação: a informação. “Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance” (Benjamin, 1994, p. 202). A razão apontada por ele para a informação ser mais ameaçadora que a narrativa estaria no fato de a primeira vir sempre acompanhada de explicações:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (Benjamin, 1994, p. 203).

Contrariando suas considerações anteriores, precisamente quando juntou informação e narrativa, não se eximindo de dar explicações, que Benjamin foi surpreendente ao falar às crianças alemãs, entre os anos de 1929 e 1932. E o fez através de um veículo de comunicação ainda incipiente na Alemanha e cujo caráter de oralidade lhe constitui: o rádio.

Precursor no uso desta mídia voltada para a educação infantil, gravou 86 programas – que ficaram esquecidos até 1985, quando só então foram transcritos e publicados –, apresentando-os em Berlim e Frankfurt. Essa obra intitular-se-ia, no original, *Aufklärung für Kinder*, algo como “iluminações para crianças”. Os temas versavam sobre arte, técnica, política, cultura, língua, história, memória, teatro, literatura, narrativa, arquitetura, urbanismo, livros, brinquedos, entre vários outros



Narrativas benjaminianas: a crônica e as crianças na era do rádio

Jeana Laura da Cunha Santos

assuntos. Dessas 86 “peças radiofônicas”, com periodicidade variada, ele mesmo se encarregaria da leitura e da apresentação de 60.

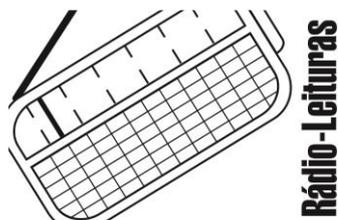
Tais narrativas transmitidas pelo rádio são ainda hoje na Alemanha um meio eficaz para ensinar a crianças assuntos complexos sem apelar para o excesso de didatismo. Para isso, Benjamin usava o tom coloquial, em primeira pessoa, convertendo-se ele próprio no narrador, incorporando as coisas narradas, como sempre buscava em suas teorias, à experiência. Sai o filósofo erudito da letra imortalizada no livro que perdura e entra em cena – ou no ar – o locutor efêmero pelas ondas do rádio, o contador de histórias.

Entre o educador e o contador de histórias

“Hoje começarei com uma história que me aconteceu quando tinha catorze anos”, diz ele no programa intitulado “A Berlim demoníaca”. A seguir, passa a relatar a experiência de ter ouvido, junto com os colegas do internato, o professor de música narrar os contos do escritor E. T. A. Hoffmann. Discorrendo sobre as razões que levariam Hoffmann a procurar os espaços públicos das tabernas e confeitarias de Berlim, conclui que era menos para capturar novos rostos que forneceriam a inspiração para suas histórias “demoníacas” e mais pelo prazer de as contar.

(...) a taberna era muito mais uma espécie de laboratório de criação literária, uma sala de experimentação, na qual ele todas as noites colocava à prova, na sua roda de amigos, o emaranhado e os efeitos de suas histórias. Hoffmann não foi de modo algum um autor de romances, mas sim um contador de histórias (Benjamin, 2015, p. 44).

Ora, não seria isso que faz precisamente Benjamin ao se dirigir às crianças? Aproveitando-se da oralidade inerente ao rádio, de filósofo erudito dá lugar ao contador de histórias. O próprio começo desse programa em questão traz a voz do narrador



convidando o ouvinte a escutar um caso pessoal. “Hoje começarei com uma história que me aconteceu quando tinha quatorze anos”... (Benjamin, 2015, p. 39).

Temos aqui três contadores em pleno exercício da arte de narrar: Benjamin que conta as histórias para os ouvintes do rádio; o professor de música que lê as histórias de Hoffmann para os alunos; e também o próprio Hoffmann que compartilha suas histórias com os amigos da taberna, além dele próprio tecer seus contos impressos quase sempre a partir da voz de um narrador.

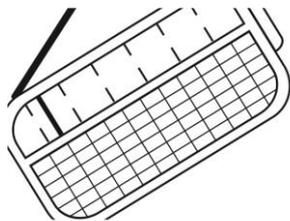
A importância do ato de narrar a um público ouvinte vasto assume papel preponderante. E, nesse sentido, o rádio converte-se no meio ideal para reverberar através de suas ondas entretenimento, música, informação, literatura e, por que não, ensinamentos às crianças.

Para estabelecer esta comunicação informal, era fundamental criar uma linguagem mais coloquial, uma conversa em primeira pessoa que, como Benjamin ambicionava, incorporasse a experiência às coisas narradas. Tal linguagem aproxima-se, no nosso entendimento, do gênero crônica.

A crônica e o rádio: o miúdo carregado de grandeza

A crônica não nasceu na Alemanha e nem tampouco surgiu no rádio². Segundo Marlyse Meyer (1992, p. 93-133), teria surgido na França, em começos do século XIX, no espaço chamado *le feuilleton*, o rodapé da primeira página dos jornais destinado ao entretenimento e onde valia tudo: contar piadas, propor charadas, oferecer receitas... De espaço vale-tudo, passa, em finais de 1830, a publicar ficção em fatias, conferindo um grande benefício financeiro aos jornais. Mais tarde, essa seção abrigaria outros textos que não eram de todo ficção, entre eles a crônica.

² As informações aqui compiladas sobre a origem e as características do gênero crônica encontram-se melhor detalhadas no meu livro “O colecionador de histórias miúdas: Machado de Assis e o jornal”, referenciado ao final deste artigo.



Narrativas benjaminianas: a crônica e as crianças na era do rádio

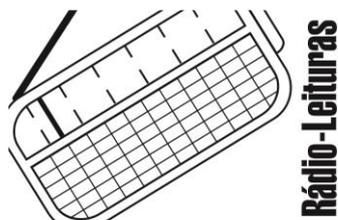
Jeana Laura da Cunha Santos

Cães vadios, livres farejadores do cotidiano, batizados com outro nome vale-tudo: a crônica. Cães sem dono, também, que são na maior parte anônimos ou assinados com iniciais. Envergonhados, quem sabe, de um escrito que não se enquadra propriamente num gênero, que é quase uma fala, coisa de casa, useira e vezeira, literatura de pé-de-chinelo. O que não é pejorativo (Meyer, 1992, p. 128).

Assim, o gênero teria nascido no século XIX, ocupando a seção denominada folhetim, e abarcando o romance, o conto, a poesia, os comentários sobre a vida da cidade e também a própria crônica que se converteria em um gênero de passagem entre o perene livro e o descartável jornal. Muitos escritores do período não se furtaram a experimentar a novidade, debruçando-se sobre o tempo e o espaço dos acontecimentos da cidade para produzir uma literatura “menor”, ao sabor da velocidade das rotativas e dos novos veículos de transporte que aceleravam e distraiam o olhar. Exemplos de grandes literatos que fizeram tal travessia: Machado de Assis, Olavo Bilac, José de Alencar entre outros.

A crônica configurou-se, então, como um gênero intermediário. De um lado, era o relato objetivo dos fatos; de outro, o comentário livre de tais fatos. De um lado, adotou algumas características nascentes do jornalismo – a simplificação da linguagem, a síntese, a exatidão, a clareza, a imparcialidade e a variedade; de outro, configurou-se como um espaço mais “solto”, onde o autor poderia mesclar opinião e nuances literárias.

Se para Marlyse Meyer o surgimento do folhetim deu-se na França, Emy Armañanzas e Javier Diaz Noci (1996, p. 73-76) dizem ter sido na Inglaterra. Segundo os autores, desde que Daniel Defoe publicou, em 1719, Robison Crusoé, no jornal Daily Post, dando origem ao primeiro folhetim da história da imprensa, o espaço literário e de opinião estavam garantidos nos jornais. Mais tarde, em 1722, este mesmo autor empregaria linguagem jornalística, estatísticas e entrevistas para contar, no livro *Um diário do ano da peste*, a tragédia da peste bubônica que teria matado mais de 70 mil pessoas em Londres no ano de 1665. O século XVIII inglês viu nascer, assim, uma

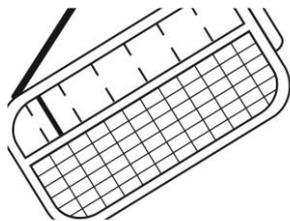


corrente que perduraria até nossos dias: o ensaio. Mescla de opinião e informação, esse gênero era muito praticado pelo *The Times*.

No Brasil, esse mesmo duo opinião/informação também estaria presente nos jornais na virada do século XIX para o XX. Adotando o tom ligeiro, miúdo, da fala cotidiana, a crônica passaria a incorporar aqui no país um toque de humor, libertando-se, enfim, do folhetim e passando a ter vida própria, aproximando-se cada vez mais do jornalismo nascente.

Tal simbiose entre literatura e jornalismo presente na imprensa brasileira em finais do século XIX e começos do século XX chegaria ao rádio na década de 40. Se muito da tradição jornalística vem do ato de narrar – “os jornalistas são os modernos contadores de ‘estórias’ da sociedade contemporânea, partem de uma tradição mais longa de contar ‘estórias’” (Traquina, 2005, p. 21) –, e se a narração remete, em alguma medida, à fábula oral contada na Antiguidade, nada mais natural que este relato falado dos acontecimentos que vão pelo mundo se aclimatasse tão bem ao rádio. A crônica, com sua predisposição à “conversa fiada”, acabaria por trazer para o rádio o tom coloquial que já a caracterizava nas páginas volantes do jornal, adaptando-se bem ao novo veículo. Tanto que fez enorme sucesso, sobretudo nas décadas de 50 e 60, quando era destaque na Rádio Nacional, com os programas *Isto e Aquilo*, *Crônicas da Cidade e Café da Manhã*, e na Rádio MEC, com o programa *Quadrante*, cujos textos de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Fernando Sabino, Dinah Silveira de Queiroz, Manuel Bandeira, Rubem Braga e Paulo Mendes Campos eram interpretados pelo autor Paulo Autran.

Se a crônica no jornal nasceu com a marca do efêmero, no rádio ela teria um caráter mais perecível ainda, durando apenas os minutos de sua veiculação. Mas nem por isso deixaria de ser um registro importante para se compreender um tempo. E, se adotarmos a perspectiva benjaminiana, justamente por ser miúda, por não ter a pretensão de durar, é que a crônica pode se tornar uma representação autêntica da história.



Narrativas benjaminianas: a crônica e as crianças na era do rádio

Jeana Laura da Cunha Santos

A crônica no rádio, mesmo que veiculada em apenas cinco minutos ou menos, torna-se imortal na história da sociedade, pelo que carrega de informação ou registro histórico. Pode ser atual quando revisitada. Carrega fragmentos de vida, pedaços do cotidiano de um tempo passado, peças que podem completar o quebra-cabeças de cotidianos futuros (Thomé, 2015, p. 16-17).

Arrigucci argumenta na mesma direção ao dizer que,

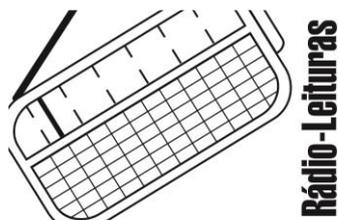
a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado (Arrigucci, 1987, p. 53).

A história, segundo o autor, esfarelar-se-ia para criar uma estética do detalhe. Conforme Candido, a crônica ajudaria “a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (Candido, 1992, p. 14).

E o detalhe, o miúdo, a miniatura, o fragmento sempre serviram a Benjamin como matéria pedagógica na abordagem dos grandes temas. Isso fica evidenciado no programa sobre o terremoto de Lisboa, onde alegoricamente explica às crianças como constrói sua narrativa radiofônica:

Vocês alguma vez já tiveram que ficar esperando na farmácia, vendo o farmacêutico preparar uma receita? Ele pesa as substâncias e os pozinhos grama por grama com ajuda de pequeninos pesos de metal, até chegar à dose certa para fazer o medicamento. Pois da mesma forma que o farmacêutico, assim faço eu aqui quando vou contar alguma coisa para vocês no rádio (Benjamin, 2015, p. 235).

Utilizando-se dos “pequeninos pesos de metal” em mãos do farmacêutico, o narrador dirige-se diretamente ao ouvinte para levá-lo a refletir sobre História, livros, direito à transgressão, desastres naturais e, em especial, a vida urbana, sendo Berlim a



grande protagonista. Flana pelos bairros, estádios, bares, feiras, mercados, fábricas para registrar a fala e os tipos urbanos, como os vendedores ambulantes, o aprendiz de sapateiro, os camelôs, os feirantes, os ciganos etc.

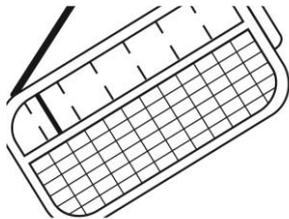
Não só as histórias miúdas adquirem proporção monumental, mas também o receptor miúdo que as recebe: a pequena criança em toda sua grandeza. Porque há na criança, segundo Benjamin, um apelo pelos produtos residuais, a despeito de toda a tentativa de se fabricar material ilustrado, brinquedos ou livros que os fabricantes julgam apropriados à criança. Segundo ele, as crianças

sentem-se irremediavelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou onde quer que seja. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer uma relação nova e incoerente entre estes restos e materiais residuais (Benjamin, 2002, pp. 57-58).

Nesse sentido, a infância passa a assumir um protagonismo essencial a partir de uma lógica fundada agora na perspectiva da recepção infantil. Não é à toa que, como teórico, Benjamin viria a produzir ensaios sobre o universo infantil a partir de reflexões sobre como a criança se apropria revolucionariamente do mundo, conferindo grandeza ao miúdo. “Um tal produto de resíduos é o conto maravilhoso, talvez o mais poderoso que se encontra na história espiritual da humanidade” (Benjamin, 2002, p. 58).

Contra o mundo adulto, apresenta o infante em sua grande sabedoria. Uma sabedoria talhada numa estética do detalhe. Contra o monumental palácio do livro, imerge sem pudor nos meios de comunicação de massa. E tudo isso através de uma fala que se aproxima de uma literatura também considerada menor: a crônica. Não mais o conceitual acadêmico portentoso, mas uma estética do miúdo dirigida ao mundo dos pequenos.

E, para conseguir tal efeito narrativo, a linguagem também se “apequenaria”. O gênero ideal para essa conversa “fiada”, sem a pretensão monumental dos grandes discursos: a crônica. Resto, entulho, retalho, detrito, produto residual do imponente



Narrativas benjaminianas: a crônica e as crianças na era do rádio

Jeana Laura da Cunha Santos

livro, a crônica proclama a primazia do fragmentário sobre o total, das pequenas histórias sobre a História total. Quando Benjamin opôs o teatro Barroco ao classicismo, atribuindo ao primeiro um papel histórico didático justamente por privilegiar os primeiros elementos das dicotomias acima descritas, declarou: “O falso brilho da totalidade se extingue” (Benjamin, 1984, p. 200). Poderíamos dizer o mesmo da crônica em relação à linguagem formal da narrativa livresca do período. No lugar da totalidade, pedaço, fragmento, ruína. Ora, isso é de forma alguma pejorativo, uma vez que é atributo da crônica pegar a miúdo e ver nele uma grandeza. Contra a história oficial, a história inconclusa, sujeita à remontagem, tal qual a apropriação que faz a criança dos objetos dados do mundo. “A criança consegue lidar com os conteúdos do conto maravilhoso de maneira tão soberana e descontraída como o faz com retalhos de tecidos e material de construção” (Benjamin, 2002, p. 58).

Sobre a importância dessas miudezas para um entendimento revolucionário da história, Benjamin discorreria no programa “Doutor Fausto”. Menciona que quando era pequeno aprendera História num livro cujas páginas eram divididas em caracteres grandes e pequenos. As primeiras falavam de príncipes, guerras etc, “coisas que tínhamos que decorar” (Benjamin, 2015, p.181). Já a segunda, a que vinha com caracteres pequenos, versava sobre tradições, costumes das pessoas em tempos antigos, sua arte, ciência, suas construções etc. “Por mim, as páginas impressas em caracteres pequenos poderiam ter sido em número muito maior” (Benjamin, 2015, p. 181).

Sua predileção pelos mínimos transcende os livros de história e é evidenciada no fascínio pelos tipos invisíveis, vencidos, periféricos, os quais eleva à condição de visibilidade, redimindo-os: as feirantes de Berlim, as bruxas da Inquisição, os bandoleiros da antiga Alemanha, os ciganos nômades, os prisioneiros da Bastilha, os contrabandistas de álcool americanos, entre outros.

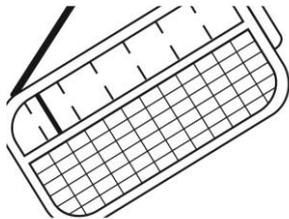
A despeito da má fama atribuída aos ciganos na Alemanha, por exemplo, elenca uma série de atributos dirigidos a eles pelas populações mais incultas, sobretudo a de camponeses:

Acreditava-se que uma casa onde uma cigana tivesse dado à luz uma criança era à prova de fogo; quando os cavalos ficavam doentes e não havia mais a quem recorrer, pedia-se ajuda a um cigano; quando um camponês havia ouvido falar sobre um tesouro escondido no campo, na floresta ou na ruína de um castelo, ia buscar o conselho de um cigano, por acreditar que ele tinha as maiores habilidades para recuperá-lo (Benjamin, 2015, p. 151).

Outro exemplo de redenção do oprimido é quando discorre sobre a perseguição às bruxas na Idade Média e apresenta às crianças o livro “O martelo das feiticeiras”, de 1487, sobre o qual vaticina: “Nada que tenha sido impresso na história trouxe tanta desgraça para o ser humano quanto estes três pesados volumes” (Benjamin, 2015, p. 132). Para além da superstição e da intolerância religiosa, culpa os catedráticos (cientistas naturais, filósofos e doutores da lei) pelo que chamou “a mais terrível praga desta época, junto com a peste” (Benjamin, 2015, p. 134), deixando supor que nem sempre a história deveria ser escrita por medalhões, mas por naturezas subalternas. “O erro e a ignorância por si só já fazem mal o bastante. Mas eles se tornam fatalmente perigosos quando se tenta associá-los à ordem e à lógica. Assim aconteceu com a crença nas bruxas, e por isso a desgraça que resultou da intransigência dos eruditos foi muito maior do que aquela causada pela superstição” (Benjamin, 2015, p. 134).

Com esse exemplo, o narrador ensina às crianças que o rumo da ciência não é uma marcha contínua e progressista ao longo da história. Também prestou seus serviços ao obscurantismo e à barbárie.

Do mesmo modo, quando se debruça sobre a arquitetura nem sempre traz à tona o que está belamente erigido, mas o que em última instância se revela como “monstruoso”. É o caso das casernas de aluguel que se proliferaram por Berlim em finais de 1870, as quais, na visão de Benjamin, foram resultado da “louca febre de especulação”. Nos chamados “Anos de Fundação”, “as autoridades berlinenses sucumbiram então à megalomania” e “elaboraram um plano de urbanização



Narrativas benjaminianas: a crônica e as crianças na era do rádio

Jeana Laura da Cunha Santos

monstruoso”, transformando Berlim numa “sombria cidade-caserna que encerrava seus moradores como uma fortaleza” (Benjamin, 2015, p. 95).

A mesma caducidade e destruição estão presentes nas alusões que faz ao longo dos programas aos desastres naturais, como a enchente do rio Mississipi nos Estados Unidos, o desastre ferroviário da ponte do rio Tay na Escócia, o incêndio do teatro de Cantão na China, o terremoto de Lisboa, a destruição de Pompeia pelo Vesúvio etc.

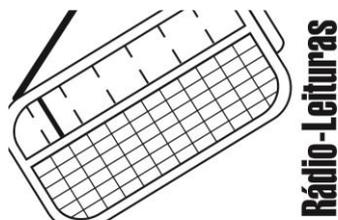
Esses exemplos são emblemáticos do quanto, na concepção do autor, as formas abandonadas, não muito lembradas pela historiografia oficial, é que contêm a dialética do tempo. O pensamento de Benjamin assemelha-se ao de Machado de Assis quando, em crônica do dia 22 de março de 1886, da Gazeta de Notícias, ao folhear um livro com os atos legislativos do ano anterior, declara: “A história estuda-se em documentos assim, não preparados, mas ingênuos e sinceros; é deles que se pode sacar a vida e a fisionomia de um tempo” (Paiva de Luca, 1998, p. 336).

E a fisionomia de um tempo nem sempre está nos grandes tratados acadêmicos ou suntuosos, mas nas histórias miúdas contadas através de uma linguagem miúda, veiculada em um veículo miúdo, falada para os miúdos seres.

Nessa estética de miudezas, perfazendo uma literatura de ouvido dirigida às crianças, Walter Benjamin aproxima-se mais uma vez das recomendações de Machado de Assis em crônica de 1878, publicada no Diário do Rio de Janeiro:

Deixemos hoje as unturas do estilo; demos a engomar os punhos literários; falemos à fresca, de paletó branco e chinelas de tapete. Que ele há de levar umas férias para nós outros, beneditinos da história mínima e cavouqueiros da expressão oportuna (Paixão, 1994, p. 30-31).

No residual da crônica falada à fresca aos pequenos, o que é miúdo adquire proporção monumental e perdura, apesar de seu conteúdo muitas vezes datado, na história. Mínimas histórias, porém grandes.

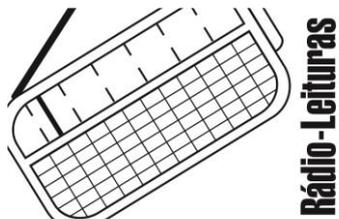


Considerações finais

O texto que aqui se apresenta trabalha sobre miúdos. A história miúda, a fala pequena, o veículo menor, o ser diminuto que é a criança. Procurou dotar esses miúdos de significância histórica à luz dos ensinamentos do próprio Benjamin. Pretendeu agir como a criança que procura “estabelecer uma relação nova e incoerente entre estes restos e materiais residuais” (Benjamin, 2002, p. 58). Quiçá tenha logrado dar alguma coerência aos fragmentos dispersos, tal qual um quebra-cabeça que só faz sentido quando encaixamos as pequenas partes.

Embora Walter Benjamin possa ter julgado que sua inserção no universo radiofônico não tenha sido tão relevante (escreveu carta a Scholem, em 1930, insinuando isso), inegável que experimentou no veículo nascente várias das teses presentes em suas mais consolidadas teorias: o papel preponderante do narrador; os programas construídos de forma miniaturizada tal qual um mosaico; os grandes temas sendo debatidos em linguagem acessível e universal; a leitura dos acontecimentos históricos pela perspectiva do vencido e não do vencedor; um olhar singular para a infância; entre outros. Contra o mundo adulto, apresentou o infante em sua grande sabedoria; contra o livro portentoso e imortal, entregou-se sem reservas aos perecíveis meios de comunicação de massa; contra a fala acadêmica e hermética, trouxe a conversa pequena, ao pé-do-ouvido; contra os figurões e catedráticos, deu relevância aos tipos periféricos (feirantes, bruxas, bandoleiros, cigano, prisioneiros da Bastilha, contrabandistas); contra a história oficial e que ser acabada, preferiu a história miúda, inconclusa. Agiu precisamente como a criança que, nas palavras dele, “consegue lidar com os conteúdos do conto maravilhoso de maneira tão soberana e descontraída como o faz com retalhos de tecidos e material de construção” (Benjamin, 2002, p. 58).

E foi através da linguagem da crônica que tais retalhos, catados nas ruas da metrópole ou nos livros, ressurgem aos olhos do observador miúdo (a criança) como material poético ou histórico. Porque para Benjamin, o detalhe está, em última análise, carregado sempre de história.



Narrativas benjaminianas: a crônica e as crianças na era do rádio

Jeana Laura da Cunha Santos

Referências bibliográficas:

ARMAÑANZAS, Emy; NOCI, Javier Diaz. **Periodismo y argumentación**: géneros de opinión. Bilbao: Universidad del País Vasco, 1996.

ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, Walter. **A hora das crianças**: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. São Paulo: Nau Editora, 2015.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2002.

_____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas; v. 1.

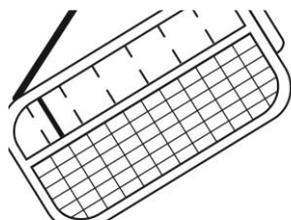
_____. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: CANDIDO, Antonio (et al.). A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

MEYER, Marlyse. **Voláteis e versáteis**. De variedades e folhetins se faz a crônica. In: CANDIDO, Antonio (et al.). A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992. p. 93-133.

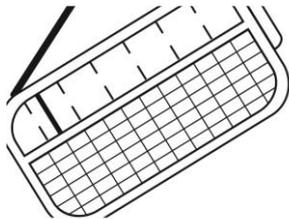
PAIVA DE LUCA, Heloisa Helena (org.). **Balas de estalo de Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 1998.

PAIXÃO, Fernando (org.). **Crônicas escolhidas**: Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1994.



SANTOS, Jeana. **O colecionador de histórias miúdas: Machado de Assis e o jornal.** Florianópolis: Insular, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – vol. 1 – Porque as notícias são como são.** 2ª ed. Florianópolis: Ed. Insular, 2005.



Narrativas benjaminianas: a crônica e as crianças na era do rádio

Jeana Laura da Cunha Santos

Abstract

In the late 1920s, Walter Benjamin (1892-1940) was invited by a German radio to give radio talks to children. Of the 86 "radio plays," he would take charge of reading and presentation. Radio had just emerged in Germany, and the philosopher was a forerunner in the use of this child-oriented media approaching complex subjects without appealing to excess of didacticism. For that, she used the colloquial tone, in the first person, in a language that approaches, in the author's understanding, the chronic genre. This article intends to investigate the language resources used by Benjamin to demonstrate how such miniaturized speech approaches the "minor" genre of the chronicle as well. That one that, by the tone of "small talk" that establishes with the listener, would fit so perfectly in the radio. A literature to hear. And also to teach.

Keywords: Walter Benjamin; chronicle; radio

Resumen

A finales de los años 1920, Walter Benjamin (1892-1940) fue invitado por una radio alemana para hacer conferencias radiofónicas dirigidas a los niños. De las 86 "piezas radiofónicas", 60 él mismo se encargaría de la lectura y de la presentación. La radio recién apareció en Alemania y el filósofo fue precursor en el uso de esos medios de comunicación para la educación infantil abordando temas complejos sin apelar al exceso de didatismo. Para ello, usaba el tono coloquial, en primera persona, en un lenguaje que se aproxima, en el entendimiento de la autora, del género crónico. Este artículo pretende investigar los recursos de lenguaje usados por Benjamin para demostrar cómo tal habla miniaturizada se acerca al género también "menor" de la crónica. Esa que, por el tono de "conversación" que establece con el oyente, cabría tan perfectamente en la radio. Una literatura para oír. Y también para enseñar.

Palabras Clave: Walter Benjamin; Cronica; Radio